

***Ars erotica e scientia sexualis* em Foucault: os diferentes procedimentos que produzem discurso verdadeiro sobre o sexo**

*Igor Freitas Martins*⁷

RESUMO

De acordo com Foucault, é possível identificar dois procedimentos que vinculam o sexo à verdade, a saber, a arte erótica e a ciência sexual. Nesta, muito mais do que manter um saber secreto sobre o sexo individual, procura-se mesmo manifestar exaustivamente a verdade do sexo. Isso se dá pela técnica de confissão, vinda da penitência cristã e absorvida pela ciência, que impõe exaustivamente a necessidade de falar sobre o sexo. Naquela, trata-se de buscar, junto com um mestre, uma verdade sobre o sexo que diz de sua qualidade, de sua maior ou menor apreciação, que não deve ser exposta para todos, mas que deve constituir um tipo de saber esotérico. Assim, o trabalho aqui apresentado caracteriza a *arte erótica* e a *ciência sexual*, apontando suas principais diferenças, a fim de conceber o discurso verdadeiro sobre o sexo como algo contingente, que muda de acordo com a sociedade em que está inserido e com os procedimentos utilizados em sua elaboração, e não como discurso natural onde o sexo é apresentado como essência imutável.

PALAVRAS-CHAVE

Sexo; Arte erótica; Ciência sexual.

⁷ Discente da Universidade Federal de Goiás – Regional Cidade de Goiás. Orientador: Prof. Dr. Pedro Jonas de Almeida.

Ars erotica e scientia sexualis in **Foucault: the different procedures that produce true discourse on sex**

ABSTRACT

According to Foucault, it is possible to identify two procedures that link sex to truth, namely, erotic art and sexual science. In this, much more than maintaining a secret knowledge about the individual sex, it even seeks to fully express the truth of sex. This is done by the technique of confession, coming from Christian penance and absorbed by science, which exhaustively imposes the need to talk about sex. In it, it is a matter of seeking, together with a master, a truth about sex that says of its quality, of its greater or lesser appreciation, which should not be exposed to all, but which must constitute a kind of esoteric knowledge. Thus, the work presented here characterizes erotic art and sexual science, pointing out its main differences, in order to conceive the true discourse on sex as something contingent, which changes according to the society in which it is inserted and with the procedures used in its elaboration, and not as natural discourse where sex is presented as an immutable essence.

KEYWORDS

Sex; Erotic art; Sexual Science.

Introdução

O sexo foi alvo e objeto de discurso. Muito é dito sobre a verdade do sexo, sobre quais práticas sexuais devem ou não devem ser exercidas, quais desejos são anormais ou desviantes. Porém, este texto pretende analisar este movimento: tomar a pretensa naturalidade de tais verdades como um problema, isto é, não partir de uma posição interna ao discurso de verdade sobre o sexo. Em outras palavras, é uma análise que deve partir da exterioridade da verdade sobre o sexo sem tomá-la como séria, e sim como produto de discursos. Quem faz tal movimento analisado é Michel Foucault, intelectual francês do século XX. Foucault tenta apresentar a verdade do sexo não como um produto da natureza do próprio sexo, mas como obra de diferentes procedimentos discursivos que remetem a diferentes tipos de sociedades. Nesse sentido, no livro *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, Foucault afirma a existência de uma arte erótica em oposição a uma ciência sexual. São, na perspectiva foucaultiana, procedimentos que edificam discursos verdadeiros diversos, e que, portanto, produzem verdades que não se assemelham. Assim, neste texto iremos analisar a pesquisa que Michel Foucault realiza sobre as diferentes técnicas de poder que fabricam discurso verdadeiro sobre o sexo, a fim de conceber semelhante discurso não enquanto verdade natural e imutável, mas enquanto verdade produzida por múltiplos mecanismos de poder que remetem a diferentes tipos de sociedades.

A produção de discurso verdadeiro sobre o sexo

Nas palavras do próprio Foucault, é possível apontar, por um lado,

[as sociedades] – e elas foram numerosas: a China, o Japão, a Índia, Roma, as nações árabes-muçulmanas – que dotaram de uma *ars erótica* [...]. [Por outro lado] nossa civilização, [que], pelo menos à primeira vista, não possui *ars erótica*. Em compensação é a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis* (1999, p. 57).

Existem dois procedimentos que produzem verdade sobre o sexo, e cada um desses procedimentos remete a sociedades distintas. A arte erótica, como bem apontou Foucault,

é própria das sociedades orientais, já a ciência sexual reflete o procedimento utilizado pelas sociedades ocidentais na produção de discurso verdadeiro sobre o sexo.

A arte erótica

A arte erótica se preocupa, sobretudo, com o prazer. Ela toma o prazer sexual como prática, enquanto experiência que produz verdade. De acordo com Silva e Ribeiro, “considerava-se o prazer, sem vínculos a prescrições morais, proibições ou permissões, ou seja, o saber da arte erótica é atribuído à própria prática sexual” (2011, p. 528). Se o prazer é levado em consideração pela arte erótica na produção da verdade sobre o sexo, é na medida em que ele deve revelar uma verdade sobre o próprio prazer: “Na ars erotica, a verdade do sexo se extrai do prazer mesmo” (CASTRO, 2016, p. 44). Portanto, não se trata de ponderar o sexo enquanto experiência que produz prazer proibido ou prazer lícito; não se trata de considerar o prazer sexual enquanto elemento útil ou inútil para a sociedade, mas de contemplar o prazer sexual na sua maior ou menor intensidade, contemplá-lo em suas propriedades específicas, “sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la de dentro e ampliar seus efeitos” (FOUCAULT, 1999, p. 57).

Desse modo, a arte erótica se preocupa com uma verdade que diz do próprio prazer sexual, como aumentar ou diminuir a intensidade desse prazer, apontar a duração e as qualidades do prazer. Como bem coloca Ribeiro ao comentar Foucault, “o que contava era a intensidade do prazer, sua qualidade e duração” (2006, p. 102). Ademais, essa verdade criada é retomada pelas práticas sexuais. Não se trata de um procedimento que apenas constata certas características do prazer sexual, mas, além de constatar, aumenta, redireciona, em suma, reconfigura o prazer sexual através da verdade criada inicialmente.

Há ainda outras características que delimitam a arte erótica. De acordo com Foucault, o saber criado por essa arte devia ser mantido “na maior discrição, pois segunda a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado” (1999, p. 57). Há, por conseguinte, aquilo que Foucault chamou de “relação com o mestre detentor dos segredos”. Não é apenas aquele que sente o prazer sexual que detém a verdade secreta do gozo, mas há também um mestre responsável pela orientação do discípulo e pela transmissão da verdade secreta sobre o prazer sexual.

Na arte erótica existe uma relação entre discípulo e mestre que produz um saber esotérico sobre o prazer sexual, um saber oculto que só é conhecido por quem está inserido na arte: o mestre, que possui um saber que deve ser transmitido, e o aluno, que é elemento fundamental na produção de novos saberes e que retoma os efeitos de tais verdades. “Os efeitos dessa arte magistral”, dirá Foucault, “[...] devem transfigurar aquele sobre quem recaem seus privilégios: domínio absoluto sobre o corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir da longa vida, exílio da morte e de suas ameaças” (1999, p. 57). Destarte, o saber esotérico produzido reconfigura, transmuta aquele que sente o prazer. Mas também transmuta aquele que observa o prazer sentido pelo aprendiz, pois tal prazer sexual constitui elemento na produção da verdade de que o mestre vai tomar parte.

Foucault nota que a arte erótica é própria das sociedades orientais. O Japão e a China, apontará Foucault, por exemplo, são países que desenvolveram uma arte erótica. As sociedades ocidentais, por outro lado, desenvolveram uma *scientia sexualis*. Percebemos que Foucault acredita que o procedimento que a sociedade ocidental utiliza para produzir discurso verdadeiro sobre o sexo é totalmente diverso daquele procedimento esotérico já mencionado. E isso ocorre, principalmente, porque a ciência sexual não utiliza a relação mestre-aprendiz de iniciação nos saberes secretos.

A ciência sexual

Nas palavras do próprio Foucault, “a civilização ocidental, há séculos, em todo caso, não conheceu a arte erótica: ela ligou as relações do poder, do prazer e da verdade de um modo totalmente diferente: o de uma ‘ciência do sexo’” (2014, p. 4). Enquanto a arte erótica é caracterizada pelo saber esotérico acerca do prazer produzido com o mestre, a ciência sexual aparece através da confissão e de sua preocupação com os desejos.

De acordo com Foucault, “desde a Idade Média, pelo menos, as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade” (1999, p. 58). Porém, o uso que se deu à confissão mudou desde então, pois ela foi absorvida por diferentes domínios. Assim, é possível dizer de um uso cristão da confissão, e de um uso, como veremos posteriormente, científico da confissão:

A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros [...]. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente (FOUCAULT, 1999, p. 59).

Portanto, é preciso apontar a diferença entre a análise foucaultiana da confissão cristã e entre a análise foucaultiana da confissão científica, pois são dois domínios distintos em que a confissão vem tomar parte na produção da verdade. “Somos levados a confessar tudo, expor nossos prazeres através de duas modalidades de produção de verdade: os procedimentos da confissão [cristã] e a discursividade científica” (RIBEIRO, 2006, p. 103).

A confissão, ato enunciativo onde o sujeito do enunciado corresponde a quem enuncia, foi um instrumento profundamente utilizado pela penitência cristã. Foi o Concílio de Latrão que regulamentou, em 1215, o sacramento da penitência e introduziu a confissão nas condutas religiosas. Através dela era possível constatar os pecados, analisar as faltas, apontar as penitências. E o sexo não deixou de ser alvo dessa insistente preocupação religiosa. Nas palavras de Foucault, “desde a penitência cristã até os nossos dias o sexo tem sido a matéria privilegiada de confissão” (1999, p. 60). O discurso verdadeiro sobre o sexo no Ocidente faz parte dessa aparelhagem que comporta a confissão. É através da enunciação do verdadeiro sobre quem enuncia, para outrem, que o sexo é levado em consideração. Não se trata, portanto, daquele ritual secreto de iniciação oriental. Trata-se, isto sim, de um ritual que pede a enunciação exaustiva da verdade sobre o sexo.

Ademais, não há apenas o caráter ritualístico do discurso na confissão cristã, mas também um caráter político. Nas palavras do autor francês, a confissão

é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar (FOUCAULT, 1999, p. 61).

A confissão enquanto relação de poder aponta para a existência de outra pessoa que participa da produção de verdade. Porém, é totalmente diversa da relação iniciando-mestre

apontada na arte erótica. Se existe uma instância de confissão é na medida em que a própria enunciação da verdade desencadeará efeitos em quem enuncia a verdade. Se existe “o outro” na confissão é porque quem confessa se modifica através do requerimento do outro. Nas palavras de Foucault, através da confissão “inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação” (1999, p. 61). Assim, o sexo está imerso num discurso que não se fundamenta em um saber das maiores ou menores intensidades do prazer, das propriedades e qualidades da prática sexual, mas de um saber relacionado ao permitido e ao proibido, a um sexo que deve ser purificado, em suma, é um saber do sexo sem faltas.

A estrutura de poder que está presente na *scientia sexualis* não produz um discurso verdadeiro que surge através de um mestre, tampouco é um discurso tradicional. Como bem colocou Foucault, essa produção vem “de baixo, como uma palavra requisitada, obrigada, rompendo, através de alguma pressão imperiosa, os lacres da reminiscência ou do esquecimento” (1999, p. 62). A verdade produzida, portanto, não é retificada por um mestre, tampouco por uma memória-tradição, mas por uma memória-enunciação. Se a memória é utilizada, não é na medida em que remete a um conjunto de saberes antigos e esotéricos sobre o prazer, mas a saberes obscuros que o indivíduo possui sobre si mesmo e que são passíveis de enunciação.

É isto o que Foucault afirma sobre a esfera de dominação presente na estrutura de poder da ciência sexual:

A instância de dominação não se encontra do lado do que fala (pois é ele o pressionado), mas do lado de quem escuta e cala; não do lado do que sabe e responde, mas do que interroga e supostamente ignora. E finalmente, esse discurso de verdade adquire efeito, não em quem o recebe, mas sim naquele de quem é extorquido (FOUCAULT, 1999, p. 62).

Quem fala é quem deve ser purificado, perdoado, liberto, por quem escuta. Se há verdade produzida através da confissão, é na medida em que a enunciação é ouvida por outrem e produz efeitos sobre quem a enunciou.

Eis expostos as características da ciência sexual e o procedimento que lhe é próprio, a confissão. Foucault acredita que a confissão é o manancial da produção de verdade sobre o sexo na sociedade ocidental. Porém, é certo que o autor nota diferenças fundamentais nos domínios que admitem a confissão.

De acordo com Foucault, a confissão “durante muito tempo permaneceu solidamente engastada na prática penitenciária”, porém, a partir da “pedagogia do século XVIII e da medicina do século XIX, perdeu sua situação ritual e exclusiva: difundiu-se; foi utilizada em toda uma série de relações” (1999, p. 62). A confissão, inicialmente pertencente ao cristianismo e aos seus ritos penitenciais, passa a integrar um campo muito mais extenso. Não se trata apenas de fazer confessar os cristãos, mas os filhos, os pacientes psiquiátricos, os alunos, os doentes. A partir do século XVIII, as ciências absorvem a confissão, e o discurso verdadeiro sobre o sexo construído através da confissão passa a ser uma verdade científica.

É isto o que Foucault diz a respeito da disseminação da confissão por múltiplos domínios:

a confissão se abre, senão a outros domínios, pelo menos a novas maneiras de percorrer tais domínios. Não se trata somente de dizer o que foi feito – o ato sexual – e como; mas de reconstituir nele e ao seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos (FOUCAULT, 1999, p. 63)

A produção do discurso científico verdadeiro sobre o sexo, através da confissão, não remete apenas à prática sexual propriamente dita, isto é, a confissão não deve designar apenas as formas pelas quais se obteve o prazer sexual. Na verdade, a confissão, no domínio científico, preocupa-se com as redondezas da prática sexual, preocupa-se com os elementos que aparecem junto com o sexo, a saber, determinados juízos, certas obsessões, pensamentos inapropriados que surgem ao redor da relação sexual. Assim, é correto afirmar que Foucault observa uma mudança crucial naquilo que é importante na confissão. Outrora confissão dos pecados, a confissão, através de esquemas científicos, passa a ser a confissão das obsessões, dos desvios, das figuras indesejadas, que aparecem ao redor da prática sexual.

Na perspectiva foucaultiana, para que fosse possível tal mudança de domínio do exercício confessional, a confissão precisou se adequar aos esquemas científicos. Assim, Foucault apontará cinco procedimentos “pelos quais essa vontade de saber relativa ao sexo, que caracteriza o Ocidente moderno, fez funcionar os rituais de confissão nos esquemas de regularidade científica” (1999, p. 64).

Em primeiro lugar, houve aquilo que Foucault chamou de codificação clínica do fazer falar. Tal codificação trata de combinar a confissão – enunciação da verdade em que

o sujeito na enunciação corresponde a quem proclamou o enunciado – e o exame – a possibilidade de apontar sinais e sintomas cientificamente válidos.

O segundo procedimento foi postular uma causalidade difusa em relação ao sexo. Dito em detalhes, este procedimento tratou de imputar ao sexo uma capacidade causal polimorfa, tratou de criar um postulado onde o sexo é visto como causa de múltiplos desvios e acidentes. Como o próprio Foucault afirma, “dos maus hábitos das crianças às tísicas dos adultos, às apoplexias dos velhos, às doenças nervosas e as degenerescências da raça, a medicina de então teceu toda uma rede de causalidade sexual” (1999, p. 65). Ademais, a suposta implicação do sexo com múltiplas doenças justificava a exaustiva preocupação com o sexo. Já que o sexo pode causar diferentes males, é ele que deve ser objeto de permanente preocupação. “Os perigos ilimitados que o sexo traz consigo justificam o caráter exaustivo da inquisição a que é submetido” (1999, p. 65), apontará Foucault.

O terceiro procedimento utilizado para introduzir a confissão num esquema científico foi apontar a verdade sexual como algo latente, obscuro. Uma confissão rápida, direta, não traz a verdade sexual imediatamente. Para Foucault, a medicina vê no sexo um campo obscuro que deve ser clarificado. “O século XIX desloca a confissão ao integrá-la a um projeto de discurso científico; ela não tende mais a tratar somente daquilo que o sujeito gostaria de esconder, porém daquilo que se esconde ao próprio sujeito” (FOUCAULT, 1999, p. 65). Se a verdade se esconde não é porque o sujeito assim o quer, mas porque faz parte da própria natureza do sexo se esquivar. É preciso, portanto, um trabalho incessante, não só de quem confessa, mas também de quem ouve a confissão (o médico, o psicanalista, o professor, os pais) para trazer ao claro aquela verdade que nem mesmo quem confessa a aprecia.

O terceiro procedimento traz necessariamente o quarto artifício, a saber, mesclar o método de interpretação com a confissão. O quarto procedimento coloca quem ouve a confissão em um novo papel. Não se trata mais de ouvir para perdoar, mas de ouvir para tomar parte na produção da verdade. Nas palavras do próprio Foucault,

a verdade não está unicamente no sujeito, que revelaria pronta e acabada ao confessá-la. Ela se constitui em dupla tarefa: presente, porém incompleta e cega em relação a si própria, naquele que fala, só podendo completar-se naquele que a recolhe. A este incumbe a tarefa de dizer a verdade dessa obscura verdade (1999, p. 66).

Assim, aquele que escuta quem confessa não é somente o detentor do perdão, mas também o detentor da clara verdade sobre a obscura verdade. A verdade enunciada por quem confessa necessita que uma nova verdade a absorva, essa segunda verdade é aquela produzida por quem ouve. Isso quer dizer que a confissão não é mais a produção direta de uma verdade, mas um sinal, um sintoma. Quando ela ocorre, o importante não é o conteúdo que o sujeito tem a falar, mas o sinal que aquilo que ele fala representa para quem escuta. A confissão a respeito do sexo não é mais uma prova, mas algo a ser interpretado (FOUCAULT, 1999).

De acordo com Foucault, há ainda um quinto procedimento utilizado para adequar a confissão aos esquemas científicos. O quinto procedimento acontece “através da medicalização dos efeitos da confissão: a obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas” (FOUCAULT, 1999, p. 66). Dito em pormenor, a confissão, outrora ligada ao cristianismo e ao seu sistema penitencial, não vai mais apontar os pecados que devem ser perdoados, mas as doenças que devem ser tratadas. A confissão sai de um âmbito dos abusos e das infrações, e entra no domínio do normal e do patológico. De acordo com Foucault, “define-se, pela primeira vez, uma morbidez própria do sexual; o sexo aparece como um campo de alta fragilidade patológica: superfície de repercussão para outras doenças, mas também centro de uma nosografia própria [...]” (1999, p. 66). Portanto, não se trata apenas de afirmar que o sexo é a causa de várias doenças, mas de dizer que é possível um sexo propriamente doente.

Desse modo são expostos os procedimentos que são utilizados para adequar a confissão aos esquemas científicos. A verdade sobre o sexo purificado ou desviante, produzida através da confissão, transformou-se, principalmente a partir do século XVIII, na verdade do sexo são ou doente. Como diz Foucault, “a verdade cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável” (1999, p. 66). Neste novo aspecto tomado pela confissão, confessa-se não apenas para marcar os abusos da prática sexual, mas para curar aquele que confessa. Assim, fica claro como, para Foucault, a confissão cristã é vinculada aos procedimentos de escuta clínica e como essa vinculação tornou possível uma produção de verdade científica a respeito do sexo e de suas redondezas.

Considerações finais

Como podemos constatar, não há uma verdade “natural sobre o sexo” em Foucault. O que existe são diferentes procedimentos que produzem discurso verdadeiro. A verdade produzida pela arte erótica está muito longe da verdade da ciência sexual. Enquanto a primeira trata do prazer sexual do indivíduo, da prática sexual, de ver junto com um mestre os caminhos para a transformação das qualidades do prazer sexual; a segunda, por outro lado, trata de um processo que necessita que as pessoas produzam um discurso verdadeiro sobre elas mesmas em relação às práticas sexuais e aos desejos que surgem ao redor de tal prática.

Se foram possíveis todos esses procedimentos, se foi possível produzir uma verdade esotérica ou uma verdade que deve ser confessada, se foi possível edificar um saber das intensidades e das propriedades do prazer sexual ou um saber da pureza e dos desvios, da sanidade ou das patologias sexuais, não é por causa de “alguma propriedade natural inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder que são imanescentes a [tais] discursos” (FOUCAULT, 1999, p. 69).

Eis expostas as características principais que representam a arte erótica e a ciência sexual. Ambos os procedimentos produzem verdade sobre o sexo, porém, são tipos de verdades diferentes, pois são fabricadas através de técnicas de poder que não se assemelham. Mesmo a ciência sexual com a sua confissão, por exemplo, não pode ser tomada como uma unidade imutável de procedimentos, pois ela fabrica diferentes verdades em diferentes momentos. A confissão, instrumento cristão, é absorvida pelas técnicas de exame e se torna um instrumento científico a partir do século XVIII. A verdade penitencial do cristianismo não é a verdade científica das periferias da prática sexual.

A partir do que foi apresentado, é possível contemplar a análise foucaultiana dos diferentes procedimentos que produzem discurso verdadeiro sobre o sexo. Fica claro que, na concepção foucaultiana, não existe um único discurso verdadeiro sobre o sexo; existem, isto sim, diferentes técnicas de poder que produzem verdades distintas.

Referências bibliográficas

AZEREDO, Vania de. *A vontade de saber*. [On-line] Disponibilidade: <<http://arethusa.fflch.usp.br/node/108>>. Acesso: 20 dezembro 2017.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução Ingrid Muller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FOUCAULT, Michel. Sexualidade e Verdade. In: *Ditos e Escritos IX: Genealogia da Ética – Subjetividade e Sexualidade*. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edição Graal Ltda, 1999.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. A sexualidade como um dispositivo histórico de poder. In: *Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*. Fernando Seffner, Guiomar Freitas Soares, Mérisa Rosana Santos da Silva, Paula Regina Costa (Org). Rio Grande: ed. da UFRG, 2006.

SILVA, Benícia Oliveira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, mai./ago. 2011.